

8M

JORNAL DA
AdUFRJ

ESTA EDIÇÃO ESPECIAL
é dedicada à luta das mulheres que, desde o início do século passado, foram às ruas para conquistar direitos que até hoje, passados mais de cem anos, ainda lhes são negados. A luta continua, em todas as esferas.



1265 • 9 de março de 2023 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj • **JORNAL DA ADUFRJ** • ESPECIAL

RESPEITAR A UNIVERSIDADE É VALORIZAR A PROFESSORA



EDITORIAL



CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Somos Rosas em nossos quereres. Simones em nossas circunstâncias. E professoras brasileiras em nossos ofícios. Chegamos ao 8 de março de 2023 com esperança de um mundo menos desigual, mas ainda massacradas pela realidade. Sob qualquer ótica, não há dados confortáveis sobre temas de gênero neste perverso Brasil. Começemos pela política, seara engratada em que homens ainda prevalecem de forma esmagadora. Veja alguns dados coletados pela equipe de reportagem do Jornal da AdUFRJ e reunidos nas páginas 4 e 5 desta edição. Nas eleições de 2022, apenas 302 mulheres conseguiram se eleger nas esferas federal, estadual e distrital, enquanto 1.394 homens foram eleitos. Aqui cabe um parêntese alvissareiro. Na AdUFRJ, das últimas quatro gestões, três foram lideradas por mulheres – evoé Tatiana Roque, Maria Lúcia Werneck e Eleonora Ziller. A atual gestão é a exceção que confirma regra, mas vale a ressalva que, de sete diretores, cinco são mulheres.

Na economia, os números também são cruéis. Do total da força de trabalho no Brasil, 44% são compostos por mulheres. Elas, no entanto, são maioria entre os desempregados – 55,5%. Mulheres ganham em média 21% a menos do que os homens. No serviço doméstico, representam 91% e recebem 20% a menos que os 9% dos empregados homens nesse setor. Na Educação, o cenário é melhor, porém ainda sofrível: as mulheres

representam 75% da força de trabalho, com salários em média 32% menores.

Mas o pior retrato é o que está manchado de sangue. Os dados de crimes contra a mulher são assombrosos. Apenas no primeiro semestre de 2022, uma mulher foi assassinada a cada seis horas no Brasil. No total, nesse período, 699 mulheres foram mortas em situação de violência doméstica.

Acreditamos que o conhecimento é uma das armas essenciais para combater essas tragédias nada particulares que resvalam da política ao quarto de dormir. A UFRJ é um bom exemplo de que a Educação muda o mundo. Hoje, graças à luta e à lida de professoras feministas que se desdobram para combater as várias formas de machismo, temos dados animadores. Aqui somos 1.919 professoras de um total de 4.046 docentes, ou 47,4% do total. Dos 132 programas de pós-graduação, 60 são coordenados por mulheres. O percentual é de 45%. As mulheres ocupam 43,1% dos cargos de direção na universidade. Ainda é pouco, mas já podemos dizer que Rosas e Simones estão florescendo em nossos campi.



GOVERNO MARCA PARA DIA 10 NOVA RODADA DE NEGOCIAÇÃO

No final da tarde do dia 7 de março, a Secretaria de Gestão de Pessoas e Relação de Trabalho enviou às entidades que representam os servidores públicos federais a data da próxima reunião de negociação salarial. Será na sexta-feira, dia 10, a partir das 14h30. Os servidores esperam que o governo apresente a nova contraproposta de reajuste salarial,



acima dos 7,8% sugeridos em 16 de fevereiro. Os fóruns que representam os servidores federais sustentam outras duas propostas: 26,94%, que correspondem às perdas da inflação na gestão Bolsonaro, e 13,5%, defendidos pelos servidores das carreiras típicas de Estado em resposta aos 7,8%.

“Imaginamos que deva ser algo entre esses dois índices,

mas sabemos que não temos tanto espaço para esta negociação emergencial”, avalia o representante do Fonasefe – fórum que reúne o Andes e outros sindicatos da Educação e da Saúde –, David Lobão. “Nosso foco principal deve ser a campanha salarial de 2024, que vamos começar logo após encerradas as negociações atuais”.

ISENÇÃO NAS MENSALIDADES PARA NOVOS FILIADOS

Professores assistentes e adjuntos (da carreira do magistério superior) e DI, DII e DIII (da carreira do ensino básico, técnico e tecnológico) que se filiarem à AdUFRJ terão isenção nas mensalidades pelos próximos dois anos. A medida busca minimizar o impacto nos salários dos jovens professores que são os que mais sofrem com a defasagem provocada pela inflação. Já são 41

docentes sindicalizados nesta condição especial. Escola de Química, Instituto de Bioquímica e Instituto de Ciências Biomédicas são as unidades com mais associados. Além da isenção, os professores terão acesso à assessoria jurídica e à rede de estabelecimentos conveniados à AdUFRJ. Os interessados podem entrar em contato pelo telefone (21) 99644-5471.



PLANTÕES DO PLANO DE SAÚDE

Para tirar dúvidas sobre os novos planos de saúde oferecidos pela UFRJ em parceria com a Qualicorp, a AdUFRJ realiza plantões de atendimento todas as terças, das 13h30 às 17h30. O corretor Luiz Alberto explica valores, cobertura, possibilidade de adesão de dependentes, portabilidade e carência dos planos. Professores da universidade de todas as idades podem aderir. Agende o atendimento pelo WhatsApp: (21) 99358-2477

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  PSICARE PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL

 BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS

 MACAÉ ESCOLA ALFA

 CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL

 HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR

 MAIS FITNESS ACADEMIA

 CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA

 RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR

 KALUNGA PAPELARIA

 DROGARIA RAIÁ

LONGA JORNADA

Desde as mobilizações históricas do início do século passado às lutas de nossos dias, mulheres ampliaram espaços em todas as esferas da sociedade. Mas ainda há muitos direitos a conquistar

MILENE GABRIELA
comunica@adufjr.org.br

No ano de 1975, a Organização das Nações Unidas assumiu oficialmente o 8 de março como dia Internacional da Mulher, reconhecendo uma série de mobilizações por direitos que as mulheres vinham construindo ao redor do mundo desde o início do século XX. Entre os eventos mais marcantes dessa longa luta estão o incêndio na fábrica de roupas Triangle Shirtwaist, em Nova York, em 1911 – que revelou as péssimas condições de trabalho a que as mulheres eram submetidas – e a marcha das mulheres russas por pão e paz, em 1917.

Mais de um século depois dessas manifestações históricas – e de tantas outras que se seguiram a elas –, as mulheres ampliaram seus espaços na sociedade, mas ainda lutam por direitos básicos. Embora elas sejam maioria em várias esferas – como entre os estudantes e técnicos da UFRJ –, as mulheres ainda convivem com o status de “minorias”. Vice-presidente da AdUFRJ, a professora e cientista política Mayra Goulart avalia que esse status é mais uma faceta de opressão. “As mulheres são uma minoria não demográfica, ou seja, uma população que, embora grande, é sub-representada na sociedade por questão de opressão simbólica

e econômica. A mulher só vai deixar de ser uma minoria não demográfica quando essa estrutura patriarcal que nos oprime for transformada”, diz ela.

Mayra considera importante a luta por direitos: “Nós nos lembramos da nossa responsabilidade de lutar não só por nós, mas por todas as outras, aquelas que não têm força e aquelas que não podem. A luta é sempre coletiva”.

Ainda é preciso avançar para garantir a entrada de mais mulheres em posições de liderança na estrutura administrativa das universidades. Em 102 anos, Denise Pires de Carvalho foi a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora da UFRJ. Luzia Araujo, ouvidora-geral e ouvidora da Mulher da UFRJ, acredita que ter uma reitora mulher estimula que mais mulheres ocupem cargos de liderança. “Devemos lutar ainda mais para que se abram mais espaços para nós, a fim de que tenhamos mais oportunidades ao longo de nossas carreiras”, defende Luzia.

A ouvidora frisa a necessidade de que se intensifique o comprometimento da UFRJ com a diversidade, a equidade e a inclusão. “É preciso que se desenvolva uma política que garanta a admissão de servidoras mulheres na universidade, para todos os cargos e, especialmente, para docentes, já que ainda somos a minoria”, comenta Luzia. “É necessário, ainda, a promoção de capacitação permanente



PARA MAYRA, as mulheres precisam se unir para combater a opressão: “A luta é sempre coletiva”



LUZIA E SABRINA; há avanços, mas ainda é preciso melhorar

de todas as mulheres e a sua introdução em atividades que envolvam a tomada de decisão e o gerenciamento junto à sua equipe”, completa.

MULHER NA CIÊNCIA

Ainda é longa a luta por mudanças de paradigmas na Ciência e no meio científico. Sabrina Ba-

tista, professora e pesquisadora da Escola de Química da UFRJ, diz que, mesmo em 2023, as mulheres ainda precisam lidar com o preconceito de homens na profissão. “A mulher na Ciência não quer nenhum privilégio, ela quer condições em que consiga trabalhar e crescer profissionalmente”, opina.

A pesquisadora é embaixadora do projeto “Parent In Science” na UFRJ e conta que já recebeu olhares atravessados quando falava sobre maternidade e sobre equidade de gênero. “Nas duas vezes que engravidei fui questionada por estar começando a carreira e já ter engravidado. Escutei que ter filhos estragaria a minha carreira profissional”, recorda.

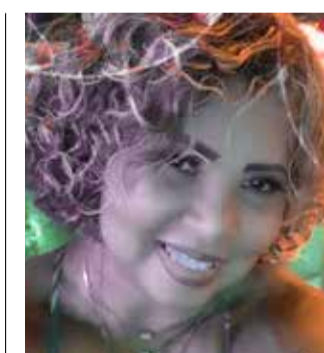
Sabrina acredita que ainda falta reconhecimento às mulheres e que há um longo caminho para que elas não sofram discriminação ao ocupar cargos. “Desejo que a gente termine um dia sem ser atravessada em uma fala, que a gente não seja interrompida ou assediada”, diz a professora. “Melhorou muito, se comparado com os anos anteriores, mas ainda precisamos melhorar em escala mundial”.

DEPOIMENTOS



NATÁLIA TRINDADE,
estudante e presidenta da APG

Quando entrei na graduação, em 2008, a maioria da sala era de mulheres; os docentes, homens brancos e heteros. As questões de gênero e LGBT não eram discutidas em sala de aula. E havia uma necessidade de ser viril, de não demonstrar emoções e nem afeto por pessoas do mesmo sexo, pois iria te comprometer profissionalmente. Houve um avanço, mas ser



LUCIANA MARTA DOS SANTOS,
secretária-executiva

Gosto de trabalhar na universidade, não sou discriminada aqui. Sou respeitada por mulheres e por homens. Se eu fosse um homem, um gestor, eu olharia o profissional, não o gênero. O que seria dos homens se não tivessem as mulheres? A cobrança é muito mais em cima da mulher, não só na questão profissional, em tudo:

como você se veste, como você fala e como se dirige a alguém. Ter mulheres nesse espaço influenciou que eu estivesse aqui hoje. A mulher na universidade está tendo mais destaque, a gente está evoluindo. A sociedade ainda é preconceituosa e até a gente mesmo é: não vemos uma mulher que conserte ar-condicionado, muito difícil de encontrar. Algumas áreas profissionais ainda são mantidas por homens. O recado que deixo é nunca desistir do que a gente quer ser, seja o que for, na área profissional, na área pessoal, como filha, como mãe. Não desistir nunca dos seus sonhos, do que você acredita e que tudo é possível para todo mundo. (Milene Gabriela)



DÉBORA FOGUEL,
professora e pesquisadora

Fui mãe quando ainda estava na graduação em Biologia na UFRJ. Aprendi a organizar meu tempo para dar conta das exigências dos estudos, da maternidade e da casa. Tive suporte, em especial de minha família. Mas não é a realidade de todas. Eu não podia ir a eventos quando quisesse. Os pesquisadores homens e pais convidados a palestras e congressos respon-

dem imediatamente “sim, eu posso”. Para as mães, isso requer a montagem de uma estratégia complexa em casa. Esse é apenas um pequeno exemplo. O dia a dia também é desafiador. Apesar dos avanços, falta suporte para as mães, inclusive na nossa comunidade. Por exemplo, vagas na creche, salas de amamentação e até uma rede de mulheres que se apoiem. Se uma professora está com o filho doente, quem sabe alguém da rede poderia substituí-la em sala de aula? Para as alunas, os avanços são ainda menores nos prazos e licença-maternidade. Mas o dia 8 de março nos trouxe muito alento com as medidas anunciadas pelo atual governo, até mesmo na área da pesquisa. (Igor Vieira)

O BRASIL DAS BRASILEIRAS

Levantamento exclusivo do Jornal da AdUFRJ mostra o quanto avançamos e o caminho ainda a ser percorrido em igualdade e equidade de gênero no mundo do trabalho e na vida acadêmica

MILENE GABRIELA E SILVANA SÁ
comunica@adufrj.org.br

A cada seis horas uma mulher é assassinada no Brasil. O dado chocante foi apresentado no último relatório do Dieese sobre gênero. Elas também são o grupo mais desempregado e recebem menos pelas mesmas funções desempenhadas por homens. Na UFRJ, as mulheres são maioria entre estudantes e técnicos-administrativos e representam 48% do corpo docente da universidade.

As professoras ainda são minoria nas coordenações de programas de pós-graduação. Dos 132 existentes, elas comandam 60, ou 45,5% do total. Já os cargos de direção são 43% ocupados por mulheres. Os dados foram obtidos pela reportagem da AdUFRJ junto às pró-reitorias de Pessoal, de Graduação e de Pós-Graduação e Pesquisa. Outro levantamento, junto ao CNPq, mostra que as pesquisadoras representam pouco mais de 35% do total. Entre as IA, elas são apenas 27%. Veja a seguir os números que mostram a inserção das mulheres no mercado de trabalho e na academia.

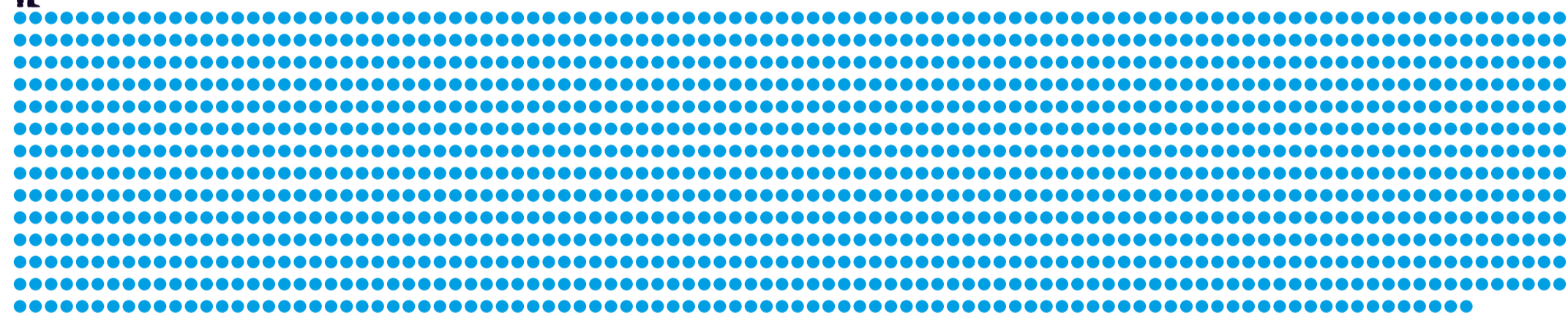


DADOS NACIONAIS

*Dieese

ELEIÇÕES 2022

1.394 HOMENS ELEITOS

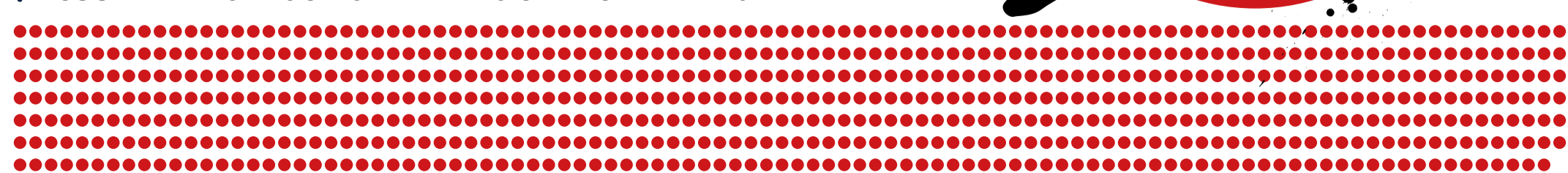


302 MULHERES ELEITAS



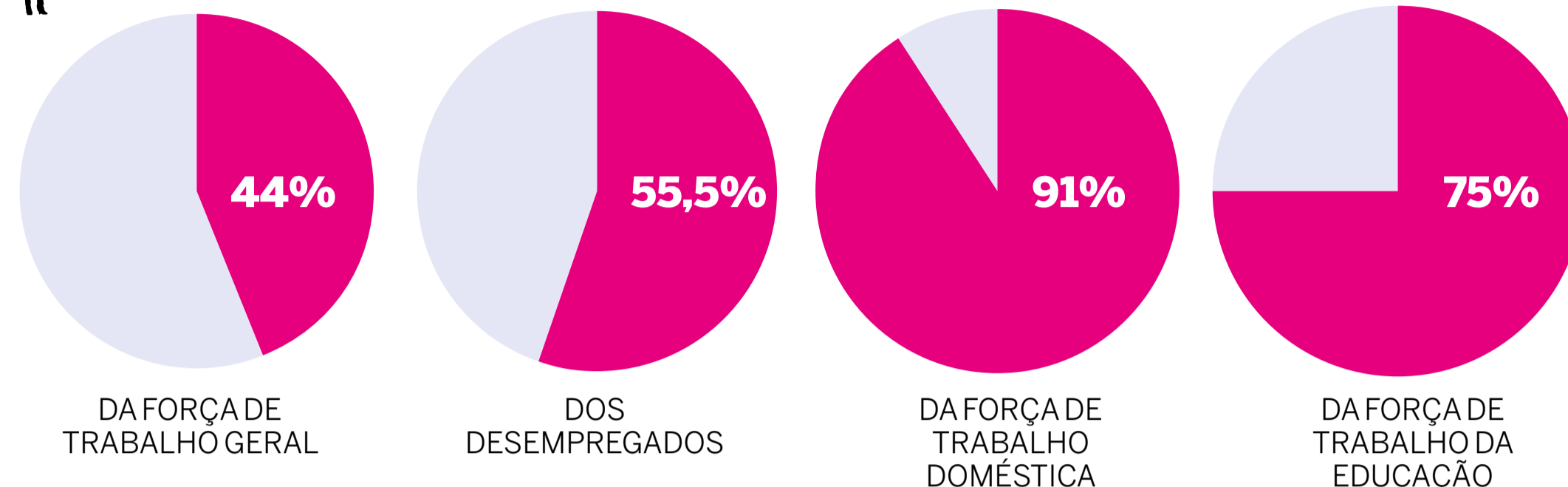
VIOLÊNCIA

699 FEMINICÍDIOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2022



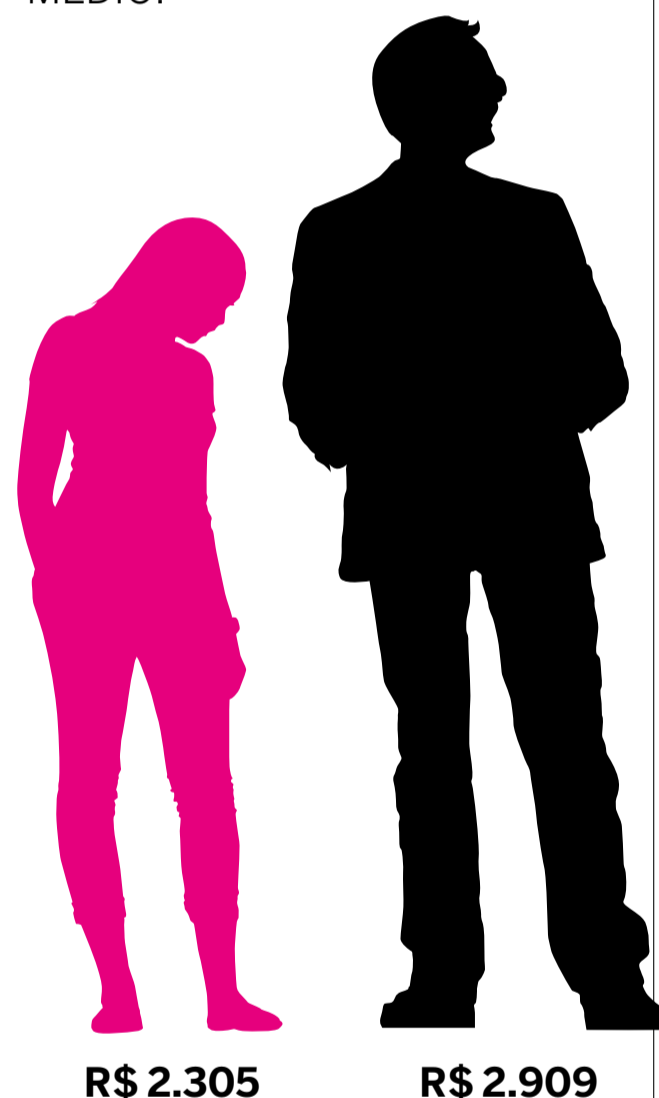
TRABALHO

ELAS SÃO:



SALÁRIOS

RENDIMENTO MÉDIO:



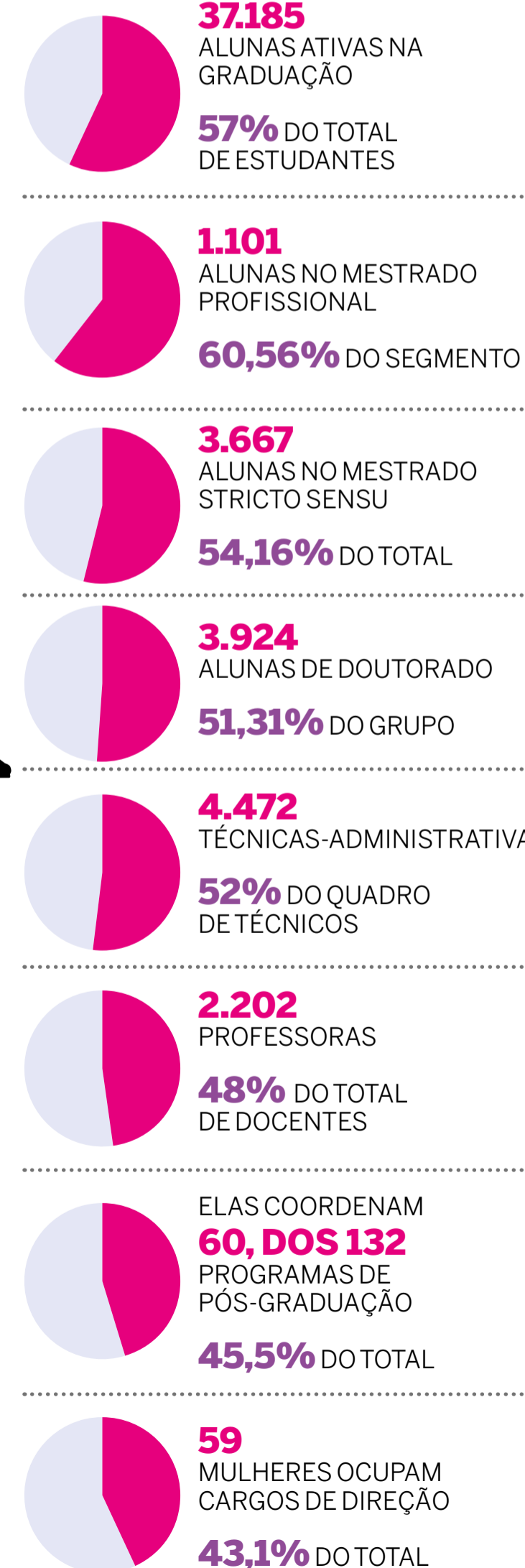
MULHERES GANHAM

21%, EM MÉDIA, AMENOS DO QUE OS HOMENS, NO GERAL

32% A MENOS QUE OS HOMENS NA EDUCAÇÃO

20% A MENOS QUE OS HOMENS EM TRABALHO DOMÉSTICO

MULHERES NA UFRJ



MULHERES NA PESQUISA

4.601 PESQUISADORAS DE PRODUTIVIDADE CNPQ

35,61% DO TOTAL

PESQUISADORA SÊNIOR

43 MULHERES

26,9% DO TOTAL

PESQUISADORA 1A

310 MULHERES

27,4% DO TOTAL

PESQUISADORA 1B

354 MULHERES

32% DO TOTAL

PESQUISADORA 1C

453 MULHERES

37,5%

PESQUISADORA 1D

754 MULHERES

36,4% DO TOTAL

PESQUISADORA 2

43 MULHERES

26,8% DO TOTAL



8M

AdUFRJ

RESPEITAR A
UNIVERSIDADE
É VALORIZAR A
PROFESSORA

■ UFRJ presente. Sobre o já conhecido bandeirão roxo da AdUFRJ, que acompanha as passeatas do 8 de Março desde 2018, professoras da universidade se reuniram para celebrar a vida e reivindicar direitos. Ato teve concentração na Candelária e seguiu em passeata até a Cinelândia, onde foi encerrado com uma roda de samba

PODER FEMININO

FRANCISCO PROCÓPIO
comunica@adufjrj.org.br

Cores, rostos, histórias e mulheres diversas se reuniram no Centro do Rio no dia 8 de Março para protestar por igualdade e em defesa da democracia. O 8M desse ano pediu a punição exemplar aos golpistas que atentaram contra o Estado Democrático no início do ano. Mas elas querem mais: saúde, educação e o direito de continuarem vivas. “Eu já fui muito violentada por homens e não quero que outras mulheres sofram isso”, revela Adriana Rodrigues de Souza, que vive em situação de rua e vende balas para sobreviver. “Por isso vim ao ato hoje. Sou totalmente contra a violência”.

Os corpos de mulheres negras são os mais impactados, de acordo com a deputada estadual Renata Souza (PSOL-RJ), que participou da passeata. A vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, foi uma das vítimas dessa face perversa da sociedade. O crime completa cinco anos na próxima semana sem que os mandantes tenham sido descobertos e punidos. “Existe uma misoginia e um racismo que opera contra os nossos corpos. Vivemos todos os dias situações

de violência política de gênero”, disse. “O que aconteceu com Marielle foi feminicídio político. Esse é o nome”, afirmou a parlamentar. “Precisamos estranhar que não cheguemos a 3% de mulheres pretas em espaços de poder”, disse.

A diretoria da AdUFRJ também participou do ato. A professora Ana Lúcia Cunha Fernandes acredita na mobilização para sensibilizar a sociedade sobre as pautas das mulheres. “É importante estarmos aqui para chamar atenção da sociedade para a enorme necessidade que ainda existe de lutar por igualdade entre homens e mulheres. Muita coisa já avançou, mas ainda há um grande ataque às mulheres”.

Um enorme cordão de mães e crianças emocionou e mostrou que o feminismo é pedagógico, aprendido e ensinado desde cedo. “Eu exerço meu feminismo sendo mãe do meu filho e trazê-lo para as lutas das mulheres é uma das formas de ser feminista em todos os lugares. As mães ainda lutam muito para ter espaços na militância”, advertiu Lina Ramos.

Ex-presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller resumiu com maestria o momento: “Nas ruas construímos uma nova sociedade. Este 8 de março tem um significado muito importante para todas nós: sobrevivemos, e iremos vencer.”



■ As mulheres expressaram seu protesto com muita cor e arte. No detalhe, a vereadora Luciana Boiteux (PSOL), professora da FND



■ Acima, a ex-presidente da AdUFRJ Eleonora Ziller com a deputada estadual Dani Balbi (PCdoB). Marielle Franco foi homenageada no ato